

CONTRIBUIÇÕES SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DA LÍNGUA-MATERNA

Aline Conde de Jesus¹

RESUMO: Destacam-se neste artigo as contribuições dos estudos linguísticos no ensino da Língua materna, tendo como objetivo geral enfatizar a importância de o professor ter consciência e conhecimento mais abrangente sobre a ciência Sociolinguística: o que ela é, o que significa e quais são as suas propostas para o ensino da Língua Portuguesa em sala de aula. Pretende-se mostrar, também, que, por meio da aquisição desse conhecimento, é possível aplicá-lo no contexto da sala de aula como método de comunicação, pois, através do discurso dos alunos, podemos identificar as suas facilidades e as suas dificuldades. A forma de expressão pessoal, a “fala”, não deve ser vista com preconceitos nem deve servir de parâmetro para comparações, mas ser utilizada para melhorar as práticas pedagógicas e ser base para estimular cada aluno a ampliar a sua linguagem, buscando outras formas de se expressar, construindo uma reflexão sobre a diversidade da nossa Língua e conscientizando-se da importância em adquirir o conhecimento da norma padrão.

4639

Palavras-chave: Língua materna. Ensino. Diversidade linguística.

ABSTRACT: This article highlights the contributions of linguistic studies in the teaching of the mother tongue, with the general objective of emphasizing the importance of the teacher having awareness and more comprehensive knowledge about the science of Sociolinguistics: what it is, what it means and what are its proposals for the teaching of the Portuguese language in the classroom. It is also intended to show that, through the acquisition of this knowledge, it is possible to apply it in the context of the classroom as a method of communication, because, through the students' discourse, we can identify their facilities and difficulties. The form of personal expression, "speech", should not be seen with prejudice nor should it serve as a parameter for comparisons, but should be used to improve pedagogical practices and be the basis for encouraging each student to expand their language, seeking other ways of expressing themselves, building a reflection on the diversity of our language and becoming aware of the importance of acquiring knowledge of the standard norm.

Keywords: Mother tongue. Teaching. Linguistic diversity.

¹ Mestranda em Ciências da Educação na instituição Christian Business School — Flórida-USA.

INTRODUÇÃO

Pretende-se, neste trabalho, investigar a ciência Sociolinguística e mostrar como trabalhar o ensino da Língua Portuguesa com base nos estudos dessa ciência, revelando a sua importância e o seu papel na sala de aula.

Reconhecer a Sociolinguística e todos os seus fundamentos sobre as variações e funcionamentos da nossa Língua materna é imprescindível para o profissional que trabalha com o ensino dessa Língua e, também, para o educador que se preocupa com a formação cidadã de seu aluno.

O objetivo específico é mostrar aos professores a importância da compreensão das funções dessas variações, relacionando-as com o ensino e com a aprendizagem da Língua Portuguesa evitando, assim, o preconceito linguístico na sala de aula.

A metodologia utilizada é a investigação e a revisão bibliográfica de algumas obras que tratam da sociolinguística e a análise das leis educacionais e dos parâmetros curriculares nacionais.

Espera-se, dessa pesquisa, esclarecimento sobre a ciência estudada, sua utilização na sala de aula, a conscientização dos educadores sobre o preconceito linguístico e a necessidade de ampliar seus estudos sociolinguísticos para que, cada vez mais, possam preparar seu aluno nas diversas tarefas comunicativas.

4640

REEDUCAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Segundo Bagno, uma das tarefas do ensino de Língua na escola seria a de discutir os valores sociais atribuídos a cada variante linguística, enfatizando a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da Língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção linguística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, seja ela positiva ou negativa. (BAGNO; STUBBS; GAGNÉ, 2007)

A educação linguística terá de priorizar as abordagens comunicativas; por isso, o texto - escrito ou oral - é o principal material utilizado em uma educação sociolinguística, já que é por meio dele que as pessoas se comunicam. Consequentemente, a leitura e a produção de texto têm ocupado lugar central no ensino da Língua materna.

O enfoque deve ser o de desenvolver e aprimorar a competência comunicativa, portanto não faz sentido um trabalho isolado com a gramática. A disciplina deve ser respeitada, mas o trabalho do professor deve ir além.

Nos atuais estudos da linguagem, observam-se tendências que se enquadram numa perspectiva transdisciplinar, assim, pode-se obter uma compreensão mais clara e profunda de fenômenos envolvidos na linguagem. (CINTRA, 1996)

Dessa forma, o conhecimento da realidade é ampliado, articulado a outros níveis (ideológicos e sociológicos), além dos especificamente linguísticos, propiciando aprofundamento e a inserção do sujeito em seu meio.

Os objetivos da disciplina também se ampliam, pois, agora, ela prepara o indivíduo para novos olhares que o tornem mais capaz de reconhecer e trabalhar as várias dimensões do ser humano e da sociedade, aprendendo a conhecer, a fazer, a viver junto e a ser. (CINTRA, 1996)

Hoje, a Língua é concebida numa relação mais direta com o uso, portanto é preciso pensar em aulas de linguagem, nas quais a gramática seja apenas uma parte e não o único alvo de um trabalho educacional.

Essa ampliação proposta pela Sociolinguística não anula a especificidade da disciplina, pois continua sendo verdade que o professor de Português precisa ensinar seus alunos a escrever corretamente e a ler com proficiência. Na verdade, a educação linguística, mais que construir teorias, propor estratégias, reeduca o olhar do professor para que ele aprenda e valorize um novo modo de partilhar seus conhecimentos, de mediar a construção do conhecimento de seu aluno, conscientizando-se do valor da pesquisa contínua sobre a sua disciplina, desvincilhando-se de práticas reprodutoras estáveis e imutáveis.

Por isso, há a necessidade de uma educação linguística continuada para a atualização dos professores, já que ela faz parte de um processo ininterrupto, pois, além da explosão das informações e das mudanças na forma de pensar e na forma de agir, temos a transformação da Língua em todo o tempo, porque esta é viva.

Essa atualização deve fazer parte de um processo permanente, implicando a necessidade de repensar a educação em todo o tempo. Não se trata mais de adquirir conhecimentos linguísticos de maneira pontual, definitivo, e sim de preparar-se para elaborar, ao longo de toda a vida, um saber em constante evolução. (CINTRA, 1996)

PROPOSTAS PARA O TRABALHO EM SALA DE AULA

Os alunos, na maioria das vezes, não entendem o porquê de estudar a gramática nem onde eles poderão realmente utilizá-la. Muitas vezes, nem mesmo os professores sabem qual a real finalidade de se ensinar a norma-padrão e não conseguem trabalhar a Língua integrando a Linguística com o ensino da gramática.

Ensinar a norma-padrão é tarefa essencial que pode ser empreendida de forma crítica e construtiva, fazendo com que os alunos conheçam as origens do que está sendo estudado. É um trabalho que exige um educador mediador, que mostre, por meio de textos contextualizados com o conteúdo, a importância do estudo da Língua, indicando, por exemplo, como se dá a relação entre verbo e sujeito em um texto formal e em um texto informal, fatos que influenciam na sonoridade e que, se apresentarem coesão, podem ser certos nos dois textos.

O professor também pode analisar expressões do cotidiano, como ‘a gente vai’, e trabalhar com o aluno de maneira que a Língua tenha um sentido útil para ele. Porém, para isso ocorrer, os educadores têm que reconhecer que a Língua tem suas variedades e que é possível trabalhá-la de maneira interativa e contextualizada, assim como as próprias Leis (LDB, PCNs) sugerem, e os livros didáticos estimulam, mas muitas vezes falta visão linguística do professor para desenvolver isso na prática.

Os conteúdos gramaticais poderão ser apresentados normalmente, mas de forma contextualizada. Por exemplo: se o assunto é advérbio, os alunos aprenderão o que é, para que serve e a melhor maneira de utilizá-lo em um texto, eles perceberão que utilizam os advérbios com bastante frequência em seus textos orais e escritos, e que essa classe de palavras está presente no seu cotidiano em textos de jornais, revistas, no rádio e na televisão.

Os alunos precisam compreender também que existem gêneros textuais diferentes e que, em cada um, a Língua é trabalhada de forma diferente; esse assunto deve ser abordado com a exposição de textos clássicos e textos modernos para que possa se estabelecer uma relação entre eles, analisando construções de frases e expressões utilizadas, debatendo em sala de aula o sentido do texto e observando, cuidadosamente, regências, concordâncias, coesão, coerência.

Outro caminho também é promover seminários nos quais os alunos produzam textos e os expliquem, pontuando o que foi aprendido em sala de aula (como verbos, substantivos,

adjetivos e outras classes gramaticais). Com isso, eles perceberão que as produções textuais são diferentes, pois um colega pode ter utilizado mais verbos ou construído frases na voz passiva, enquanto outro pode ter elaborado frases somente na voz ativa, compreendendo, assim que as formas de se escrever podem ser diferentes e mesmo assim corretas.

O estímulo à produção faz o aluno refletir e perceber que é importante aprender a Língua Portuguesa e suas variações, pois assim terá condições de redigir textos melhores, de mais fácil entendimento, poderá falar de maneira mais precisa e coesa e será capaz de analisar textos de diferentes gêneros de forma mais crítica. Fazendo isso, ele está utilizando a Língua, está praticando-a e compreendendo melhor sua construção e acaba percebendo que o que ele aprende na escola não está distante do que vive em seu cotidiano, do que lê em revistas, do que ouve nos noticiários e até mesmo do que fala com seus amigos.

E os professores, entrelaçando gramática e linguística, percebem que os alunos aprendem mais, porque descobriram que a gramática não é tão difícil assim e que a norma-padrão não serve exclusivamente para uniformizar, mas que tem como um de seus objetivos ajudar a melhorar a escrita e a fala, tornando-a mais adequada dependendo da situação. Essa inserção do conhecimento linguístico nas aulas de Português, em paralelo com o ensino gramatical, mudará a visão dos alunos sobre a aprendizagem da Língua Portuguesa. (BAGNO, 2000)

4643

Segundo Bagno, existem alguns passos básicos que os professores podem utilizar em sala de aula e assim iniciar o ensino da Língua materna dentro de uma perspectiva sociolinguística. São eles:

1º passo: usar como recurso uma abordagem tradicional do fenômeno. Como a doutrina tradicional é mais acessível, em termos materiais, do que as teorias científicas mais sofisticadas, podemos partir das gramáticas tradicionais para empreender uma teorização e investigação do fato estudado, por meio de revisão, de crítica e de reformulação teórica da mesma. Essa abordagem tradicional pode ser recolhida numa gramática normativa, num livro didático, num manual de redação ou em outro material disponível, o importante é buscá-la em mais de uma fonte para que fique claro que mesmo dentro da doutrina tradicional existem divergências de análise e de interpretação dos fenômenos gramaticais, o que ajuda a dissipar a idéia de que existe unanimidade entre os gramáticos quanto à distribuição dos rótulos de certo e errado.

2º passo: investigar o fenômeno numa perspectiva histórica. A concepção gramatical tradicional opera uma imobilização da Língua no tempo e no espaço, omitindo e ocultando a realidade da Língua como sujeita a mudança e variação constantes. O filósofo russo Mikhail Bakhtin já nos alertou que a sincronia é uma ficção, uma invenção de determinadas teorias linguísticas, que tentam abstrair um sistema homogêneo que, na prática, não pode ser encontrado na realidade da Língua viva, a qual é essencialmente heterogênea, mutante e variável. A investigação histórica mostrará aos alunos que os supostos “erros” têm uma explicação bastante plausível, não são uma invenção de pessoas que simplesmente falam errado; dessa forma, o aluno aprenderá a Língua materna dentro de uma perspectiva histórica e não de forma anacrônica.

3º passo: investigar a Língua viva, falada e escrita. É estratégico mostrar de que modo os fenômenos linguísticos se dão na Língua falada e na escrita dos brasileiros mais escolarizados, isto é, na Língua real, e não no padrão idealizado das gramáticas. Quando determinadas regras gramaticais se estabelecem na fala e na escrita das camadas mais escolarizadas da sociedade é porque elas já não são mais consideradas como “erro”. Assim, pode-se delimitar um corpus de língua culta falada e um corpus de língua culta escrita e, com esse material coletado, estabelecer uma comparação e as mudanças que estão ocorrendo nesse grupo coletado. Com esse procedimento, o professor terá a oportunidade de explicar que as variações linguísticas ocorrem em todos os contextos da sociedade, até mesmo nas camadas mais escolarizadas.

4º passo: oferecer explicações alternativas à da gramática tradicional, uma vez que os defensores dessa tradição, quase sempre, limitam-se a condenar como erros as realizações linguísticas não-normatizadas, sem oferecer explicação científica consistente para tal condenação. Para oferecer essas explicações, o professor deve procurar bases teóricas satisfatórias, porém nunca definitivas. É evidente que não será preciso desenvolver diante dos alunos teorias complexas e sofisticadas, muitas vezes a simples elaboração de hipóteses é suficiente para mostrar que existem outros pontos de vista além do tradicional, capazes de apresentar os fenômenos linguísticos sob uma perspectiva diferente, mais científica e menos preconceituosa do que o rótulo simplista de “erro”. Esse tipo de investigação, além de levar o professor à pesquisa contínua, fará também com que os alunos aprendam a pesquisar o conteúdo a fim de coletar informações para a elaboração de hipóteses, construindo um

espírito crítico que não aceita conceitos prontos e fechados sobre os assuntos que lhes são ensinados. (BAGNO; STUBBS; GAGNÉ, 2007, pp. 61-67)

Esses passos permitem criticar e reformular a abordagem tradicional, sem ignorar a importância de seu ensino em sala de aula, apenas trilhando um percurso que começa com a doutrina tradicional e retorna a ela não para corroborá-la, mas para submetê-la à crítica e à revisão, já que somente o seu ensino é insuficiente para explicar a dinâmica da Língua.

Tais procedimentos contribuirão para que o aluno desenvolva sua capacidade de análise e de reflexão crítica, não só no que diz respeito à Língua, mas a todos os demais campos de conhecimento com os quais vier a entrar em contato. (BAGNO; STUBBS; GAGNÉ, 2007)

Diante disso, constatamos que a pesquisa sociolinguística não diminui a importância do ensino da norma-padrão, ao contrário, ela amplia a sua importância, pois o ponto de partida é oferecer uma conscientização que gere responsabilidade nos alunos sobre a Língua materna, mostrando a eles que a linguagem é muito mais rica e fascinante do que a velha memorização da gramática tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

4645

O principal objetivo dos nossos sociolinguístas é avançar em suas pesquisas de tal modo, que seja imprescindível escrever uma gramática da norma-padrão essencialmente brasileira, em termos claros e precisos, com objetivos didático-pedagógicos, que sirvam de ferramenta útil e prática para os professores, alunos e falantes em geral, não sendo mais necessária a utilização de uma gramática tradicional, prescritiva e anacrônica, chamada de norma culta, a qual é efetivamente idealizada e cultuada, bem distante da Língua falada em nossa sociedade.

No entanto, enquanto isso ainda não é uma realidade, é fundamental combater essa mentalidade estagnada do ensino da Língua materna que resulta no preconceito lingüístico, com mudanças de atitudes, principalmente na sala de aula, e a primeira delas é recusar com veemência os velhos argumentos que menosprezam o saber lingüístico de cada um de nós. Temos que nos impor como falantes competentes de nossa Língua materna, capazes de apreender e usar as suas variações lingüísticas adequadamente em cada contexto social.

Cabe, em especial, ao professor de Língua Portuguesa educar seus alunos, dando-lhes voz, reconhecer e fazendo com que eles reconheçam seu direito à palavra, encorajando-os a manifestar-se sem medo.

Demonstrando-lhes que, falar é construir um texto, num dado momento, num determinado lugar, dentro de uma circunstância definida para um determinado efeito.

Portanto, consideramos que os estudos sociolinguísticos valorizam o ofício do professor de Língua materna, pois revelam a responsabilidade desse profissional na formação dos seus alunos, e a de ser um mediador que visa à formação de cidadãos capazes não só de ler códigos, mas também de refletir sobre qualquer discurso e submetê-lo a uma análise crítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos, GAGNÉ, Gilles, STUBBS, Michael. Língua Materna: letramento, variação e ensino. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, Marcos. Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

BAGNO, Marcos. A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. Preconceito lingüístico: o que é, como se faz. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. Dramática da Língua Portuguesa. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BASTOS, Neusa Barbosa. Língua Portuguesa: uma visão em mosaico. ed. São Paulo: PUC, 2002.

BECHARA, Evanildo. Ensino de gramática: opressão? liberdade. ed. São Paulo: Ática. 2006.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), 1997. Língua Portuguesa. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> > Acesso em: 28 fev. 2010.

LANDEIRA, José Luis Marques López; BITTENCOURT, Sylvia Maria Corrêa da Rocha Homem de. Língua Portuguesa: Ensino médio. São Paulo: Rede Salesiana de Ensino, 2005.

SÃO PAULO. Caderno do Professor, Língua Portuguesa: Ensino Fundamental II, 2008.